



UNICAMP

P24.99

EVENTO: Carlton Dance 95

VEÍCULO: JORNAL DO BRASIL

DATA: 03 jun 95

PÁGINA: 01

SEÇÃO: CADERNO B



O RAP ROUBA A CENA



David Rousseve surpreende e, além de dançar, canta na noite de abertura do Carlton Dance



NAYSE LOPEZ

A sede era grande depois de dois anos sem Carlton Dance Festival e o público, que lotou o Teatro Municipal na última quinta-feira, para a primeira noite, não se decepcionou. No entanto, mesmo aplaudindo de pé a comovente mistura de lamento negro, rap e gospel de David Rousseve, a platéia irritou-se com o longo intervalo, causado por problemas técnicos. A Stephen Petronio Company, segunda atração da noite americana, empolgou apenas uma platéia menos numerosa e mais cansada. Ainda assim, arrancou aplausos com o vigor e sensualidade que são a marca do coreógrafo. A estrela da noite, porém, foi a música. Os momentos mais aplaudidos foram Rousseve cantando — bem — rap e a cantora Ivette Glover mandando ver num gospel.

TOUR de force é a melhor definição para a primeira noite do Carlton Dance Festival, na última quinta-feira, no Teatro Municipal. Depois de ver a magnífica história de racismo, música e amor contada — literalmente, em inglês — pelo surpreendente David Rousseve, um atraso na instalação de um projetor atrasou a apresentação da Stephen Petronio Company, arrastando para depois da meia-noite o pano final e, para fora do teatro, quase metade da platéia. O público aplaudiu Rousseve de pé e até tentou gostar da dança vigorosa e sensual de Petronio, mas não agüentou tantas horas de espetáculo. No final das contas, os momentos mais aplaudidos não tinham ninguém dançando: o próprio Rousseve,

cantando rap, e a cantora Yvette Glover, saltando a voz num comovente gospel.

Rousseve, por apresentar um trabalho mais pop e didático, foi o preferido da noite. Mas a grande estrela foi a cantora gospel Yvette Glover, que interpreta a avó de Rousseve no espetáculo, uma comovente mistura de dança, teatro e rap. Depois de fechar a primeira parte da noite americana ao lado de Rousseve, enchendo o teatro com uma voz que só uma negra senhora da Lousianna poderia ter, Yvette foi aplaudida de pé pelo público. A brasileira Deborah Colker gostou, mas acha didático demais. “É, de certa forma, uma abordagem branca da questão negra. Há momentos maravilhosos, mas não sei se o pú-

blico entendeu bem os trechos em inglês”, avaliou.

Bom ator, ótimo cantor e excelente bailarino, David Rousseve mostrou em cinco trechos, tirados de três de seus últimos balês, como juntar a dança contemporânea, a música pop, especialmente o rap, e a teatralidade. Desde a vida miserável da avó ex-escrava até a morte de um amigo com Aids, Rousseve falou da vida dos negros americanos de forma *fashion* e o público gostou. Um público exigente, feito de bailarinos e artistas em geral. Caetano Veloso aplaudiu entusiasmado, ao lado da produtora do evento, Monique Gardemberg.

No longo intervalo entre as duas companhias, o público irritou-se e ameaçou uma vaia, mas imediatamente as luzes se apagaram e os

bailarinos de Petronio invadiram o palco, quase nus, para mostrar três coreografias em que os movimentos são precisos e a respiração parece impossível. David Parsons, que se apresenta no mesmo Municipal no próximo fim de semana, apareceu e foi um dos mais festejados nos corredores. Irritados pelo atraso técnico e por terem que se apresentar depois de outra companhia e para um público cansado, os bailarinos de Petronio estavam tensos. O diretor da companhia, Trevor Carlson, reclamou: “Já estamos conversando com a produção para que em São Paulo a noite seja mais rápida”, disse após o espetáculo.

Considerado um dos melhores pesquisadores do movimento da atualidade, Petronio não veio ao

Brasil, mas seus filhos, como ele mesmo diz, saíram-se muito bem na primeira turnê sem o mestre. Menos carismático e muito mais abstrato, o trabalho de Petronio teve uma reação mais fria, mas alguns momentos provocaram explosões de aplausos. O momento alto de Petronio foi a corajosa coreografia para o já muito batido *Bolero*, de Ravel, quando impressionou a projeção de fotos da artista plástica americana Cindy Sherman. No final, com comentários sobre a velocidade de Petronio e a musicalidade de Rousseve, o público estava exausto, encantado com a enxurrada de emoções provocada pelo lamento negro de Rousseve e vencido pelo cansaço e pela explosão de movimentos de Petronio.

Leonardo Aversa



A Stephen Petronio Company mostrou três coreografias de movimentos corajosos

Rousseve (segundo à esquerda) e seu grupo uniram balé, música pop e teatro